

Maria Izabel Machado
(Organizadora)

SOCIOLOGIA:

Tempo, indivíduo e sociedade 2



Maria Izabel Machado
(Organizadora)

SOCIOLOGIA:

Tempo, indivíduo e sociedade 2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Sociologia: tempo, indivíduo e sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Maria Izabel Machado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 Sociologia: tempo, indivíduo e sociedade 2 / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0108-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.087223005>

1. Sociologia. I. Machado, Maria Izabel (Organizadora).

II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra *Sociologia: Tempo, Indivíduo e Sociedade II* neste segundo volume nos convida a refletir sobre sociologias múltiplas: dos desastres, da educação, sobre o ambiente e como nos relacionamos com ele.

Os lugares múltiplos que ocupamos como sujeitos são cada vez mais pressionados pelo consumo e suas implicações com nossas identidades e pertencimentos. Em contraposição somos demandados a assumir responsabilidades éticas frente aos desastres multifacetados que nos assolam.

Os capítulos que seguem estão organizados de maneira a nos conduzir por essas que são ao mesmo tempo grandes questões sociológicas e a vida cotidiana como experimentada por múltiplos sujeitos. O binômio indivíduo/sociedade, que tem polarizado leituras clássicas e contemporâneas, é colocado aqui em outra perspectiva: o modo como somos intersectados pelas redes.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ETNODESENVOLVIMENTO E IDENTIDADE PATAXÓ: DA ALDEIA PARA O MUNDO

Simone Jörg

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230051>

CAPÍTULO 2..... 7

POLÍTICA DE INCLUSÃO SOCIAL E PRODUTIVA DOS MAIS POBRES NO BRASIL: UM CASO DE *WORKFARE STATE*?

Adriane Vieira Ferrarini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230052>

CAPÍTULO 3..... 18

DESCOMPOSICIÓN GLOBAL SOCIAL, MIGRACIÓN PERENNE

Gumersindo Vera Hernández

Elsa González Paredes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230053>

CAPÍTULO 4..... 26

MIGRAÇÃO E PERTENCIMENTO: ESTRATÉGIAS MIGRANTES NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE PERTENÇA

Antonio Nolberto de Oliveira Xavier

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230054>

CAPÍTULO 5..... 44

ENQUADRAMENTOS SOCIOAMBIENTAIS EM DISPUTA NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL DE GRANDES DESASTRES DA MINERAÇÃO

Raquel Lucena Paiva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230055>

CAPÍTULO 6..... 61

SOCIEDADE DE CONSUMO E A POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Ana Cristina Bagatini Marotti

Juliano Costa Gonçalves

Cristine Diniz Santiago

Erica Pugliesi

Luiza de Lima Neves

Aline Chitero Bueno

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230056>

CAPÍTULO 7..... 75

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Adelcio Machado dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230057>

CAPÍTULO 8	87
A FORÇA COMUNICACIONAL DO YOUTUBE E O FENÔMENO DE WHINDERSSON NUNES	
Leonardo Gonçalves de Souza	
Diego Rafael Munhak	
Cristiano de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230058	
CAPÍTULO 9	92
FOME E MODERNIDADE: DESAFIOS PARA OS PROGRAMAS E POLÍTICAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR	
Tania Elias Magno da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230059	
SOBRE A ORGANIZADORA	104
ÍNDICE REMISSIVO	105

CAPÍTULO 9

FOME E MODERNIDADE: DESAFIOS PARA OS PROGRAMAS E POLÍTICAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR

Data de aceite: 02/05/2022

Tania Elias Magno da Silva

Professora Emérita da Universidade Federal de Sergipe – Professora Colaboradora vinculada ao PPGS – Mestrado e Doutorado em Sociologia. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Itinerários Intelectuais, Imagem e Sociedade – GEPIIS

Trabalho apresentado em 2019 em Toronto/Canadá no Congresso da ISA.

RESUMO: Enfrenta-se hoje um duplo desafio em termos de segurança alimentar: Garantir alimento a todos no sentido de acabar com a fome no mundo, que atinge praticamente um bilhão de pessoas e ao mesmo tempo garantir uma alimentação saudável para o número crescente de obesos no mundo, decorrente de uma alimentação calcada em produtos industrializados pobres em nutrientes e ricos em gorduras e açúcares, alimentos processados e ultra processados. A obesidade está presente em todas as camadas da população. A obesidade infantil e adulta é tida por muitos especialistas como uma epidemia que ceifa vidas bem cedo e uma questão de saúde pública. Duas fomes, dois desafios. Afinal de que fome falamos? A dos que não tem o que comer ou a dos que estão morrendo de tanto comer? A fome dos obesos e mal nutridos é menos preocupante? Como implantar políticas públicas e programas de segurança alimentar que garantam o direito a

todos à uma vida saudável se estamos presos aos grilhões dos interesses de oito ou dez oligopólios da indústria alimentar que comandam o que se produz, como se produz, para quem se produz, o preço dos alimentos e aonde deve ser distribuído o alimento? Como romper com este círculo de ferro do monopólio do alimento se há um poderoso lobby nas esferas de poder dos países que tem garantido a manutenção dos interesses dos grandes produtores e os do grande capital representado por esses complexos alimentares?

A fome tem cem nomes, mas, o grito da fome é igual em todos os países do Globo. As crianças que morrem de fome nos Estados Unidos recebem o nome de “sugar babies”, na Índia os chamam de “Kwashiorkor”, mas ao final que importam os nomes?

(Josué de Castro, 1965)

INTRODUÇÃO

A fome não é um produto da modernidade, nossa história como habitantes deste planeta está ligada a história da constante busca pelo alimento. Nossa sobrevivência como espécie sempre dependeu de nossa segurança alimentar. Sempre houve grandes períodos de escassez de alimentos assolando várias partes do globo, ameaçando a sobrevivência de populações residentes em terras inóspitas. A escassez alimentar foi um dos fatores que impulsionou e ainda impulsiona o processo de mobilidade dos grupos humanos na face da

Terra.

Em praticamente todas as culturas encontramos referências a abundância e a escassez de alimentos, à fome. Temos uma rica iconografia sobre esta temática, este tema está presente em várias obras literárias, tanto nacionais como mundiais, algumas, como o livro *Fome* de Knut Hamsun, ganhador em 1920, de um Nobel de Literatura, tornaram-se clássicas.

No Brasil, vários são os romances que tratam do tema, obras que apesar de escritas há mais de um século, como é o caso do romance de Rodolfo Theófilo, *A Fome. Scenas da Secca no Ceará*, publicado em 1922, que retrata a terrível fome que assolou a região em 1877, continuam atuais e desafiadoras, pois os problemas da fome, da miséria, da exclusão social, da injustiça social retratadas nessas e em outras obras estão a desafiar o tempo.

A modernidade contudo, trouxe um novo problema para o campo da fome e da saúde pública e enfrenta-se hoje um duplo desafio em termos de segurança alimentar: Garantir alimento a todos no sentido de acabar com a fome no mundo que atinge praticamente um bilhão de pessoas e ao mesmo tempo garantir uma alimentação saudável para o número crescente de obesos no mundo, decorrente de uma alimentação calcada em produtos pobres em nutrientes e ricos em gorduras e açúcares, os alimentos ultra processados.

A obesidade está presente em todas as camadas da população. A obesidade infantil e adulta é tida por muitos especialistas como uma epidemia que ceifa vidas bem cedo e uma questão de saúde pública. Mas os famintos por falta de ter o que comer continuam a ser um desafio e tem aumentado a despeito dos avanços no campo das tecnociências aplicadas à produção alimentar, em que pesem as várias campanhas e programas que tem sido desenvolvidas pela FAO nestes últimos 70 anos no sentido, tanto de amenizar como de acabar com a fome no mundo.

O professor, geógrafo, médico e sociólogo brasileiro Josué de Castro foi pioneiro em trazer o tema para o debate público e para as agendas governamentais em quase todo o mundo. Suas obras *Geografia da Fome* (Primeira Edição, 1946) e *Geopolítica da Fome* (Primeira Edição, 1952) são dois marcos desta denúncia. Em 1952, quando foi publicada *Geopolítica da Fome*, o mundo e principalmente a Europa, África e Ásia ainda enfrentavam as nefastas e trágicas consequências da Segunda Guerra Mundial que arrasou nações inteiras e de certo havia fome onde hoje existe abundância. A nação considerada hoje a mais rica do planeta, o EUA, não ficou livre do problema e a fome também grassou em seu território, em várias ocasiões. Nichos de pobreza e fome existem até hoje nesta área de abundância, especialmente no sul do país. Ironicamente, os EUA, considerada a nação mais rica do planeta, enfrenta as duas fomes, igualmente ceifadoras de vida: a starvation, a fome dos que não tem o que comer e a fome dos obesos que comem demais e acham que estão alimentados. Uns morrem por falta de alimentos e outros de tanto comer ou de comer “junk foods”. Afinal, de que fome falamos? A dos que não tem o que comer ou a dos que estão morrendo de tanto comer? A fome dos obesos e mal nutridos é menos preocupante?

Como implantar políticas públicas e programas de segurança alimentar que garantam o direito a todos à uma vida saudável se estamos presos aos grilhões dos interesses de oito ou dez oligopólios da indústria alimentar que comandam o que se produz, como se produz, para quem se produz, o preço dos alimentos e aonde deve ser distribuído o alimento? Como romper com este círculo de ferro do monopólio do alimento se há um poderoso lobby nas esferas de poder dos países, que tem garantido a manutenção dos interesses dos grandes produtores e os do grande capital representado por esses complexos alimentares? Este é o cerne deste artigo.

AVANÇOS TECNO CIENTÍFICOS E A PRODUÇÃO ALIMENTAR

Apesar das conquistas nestes dois últimos séculos no campo técnico e científico para produção de alimentos, resultantes das pesquisas e avanços na área da engenharia genética e da nanotecnologia em busca de melhorar a qualidade da produção, aumentar o tempo de durabilidade e conservação dos alimentos, potencializar a produtividade e solucionar o problema da escassez alimentar, a fome continua a rondar o mundo como há mais de sessenta anos, quando foi publicada a primeira edição de Geografia da Fome (1946).

Afinal, tanto conhecimento produzido, tantas novidades a disposição nos mercados do mundo e ainda enfrentamos velhos fantasmas como a fome? Como explicar esta contradição?

Primeiro precisamos nos conscientizar dos limites e alcances das conquistas no campo tecnocientífico, bem como considerar o ônus e o bônus da empreitada, pois se por um lado nos beneficiamos com as conquistas científicas e tecnológicas em vários campos da vida como o da saúde, alimentação, transporte, comunicação entre outros, por outro estas conquistas não tem beneficiado a todos igualmente, ao contrário, tem aumentado as diferenças entre o mundo desenvolvido e as regiões pobres do planeta, entre os ricos e os pobres de uma maneira geral, para os quais esse “mundo novo” ainda parece distante, e inalcançável. A engenharia genética e as nanotecnologias parecem prometer para nós um mundo imaginado apenas pelos ficcionistas, um mundo sem males, sem doenças, sem fome graças as conquistas científicas e tecnológicas em um futuro sem data, que muitos acreditam que já o alcançaram, mas isto é uma ilusão e perigosa.

Para Thomas, Fressoli e Lalouf (2013), a existência humana sobre a Terra e também fora dela é impensável sem a tecnologia, pois a dimensão tecnológica atravessa a existência humana. “Desde la producción hasta la cultura, desde las finanzas hasta la política, desde el arte hasta el sexo.” (Op.Cit. P.10) Há, como afirmam os autores acima citados e com os quais concordamos, uma relação direta entre tecnologia e sociedade, estamos de certa forma tecnologicamente constituídos:

Usted es un ser tecnológico, mas allá de que esta idea le resulte agradable o

no. Porque las sociedades están tecnológicamente configuradas, exactamente em el mismo momento y nivel em que las tecnologías son socialmente construidas y puestas em uso. Todas las tecnologías son sociales. Todas las tecnologías son humanas (por más inhumanas que a veces parezcan) (OP. Cit. P. 10)

Bauman e May seguem esta mesma linha de raciocínio ao afirmarem que:

A vida nas sociedades industriais avançadas transformou neste último século muitas esferas de atividades cotidianas, por exemplo: varrer o chão, cortar a grama, aparar a cerca, preparar uma refeição ou mesmo lavar os pratos – em todas elas, a expertise, incorporada em instrumentos tecnológicos e em gadgets (dispositivos), assumiu o controle, por ter polido e afiado as habilidades antes depositadas nas mãos de todo mundo. Precisamos agora dessa expertise e dessa tecnologia para concretizar qualquer tarefa. (Bauman e May, 2010, 239)

A reflexão feita pelos autores citados a respeito de nossa dependência em relação as inovações tecnológicas e nossa disposição em aceitar as novas tecnologias como se fossem isentas de malefícios, alerta para o fato de que os produtos podem se tornar científicos ou factíveis do ponto de vista tecnológico antes mesmo que seus usos tenham sido verificados: temos esta tecnologia, como podemos usá-la? E mais: uma vez que nós a temos, seria imperdoável não a usar! (Op.Cit. 240-241).

Este é o caso das conquistas tecnocientíficas obtidas no campo da alimentação que vem alterando a nossa cultura alimentar tradicional, introduzindo uma nova cultura da alimentação, potencializando o crescimento da indústria alimentar que coloca no mercado, para o público em geral, novos produtos e uma maior variedade de opção de escolha, substituindo paulatinamente os alimentos in natura por alimentos fabricados industrialmente. Esta maior variedade de alimentos contudo, não corresponde a uma melhor alimentação do ponto de vista nutricional, pois, não raro, estamos substituindo uma alimentação mais saudável e nutritiva – é o caso no Brasil, do nosso tradicional arroz e feijão – por comidas menos saudáveis e nutritivas, chamadas pelos especialistas de “comida lixo”.

O QUE ESTAMOS COMENDO?

Apesar dos contrastes entre a abundância de alimentos de um lado e a escassez de outro, a propaganda em torno desse novo padrão de alimentação é intensiva, os produtos são sempre apresentados em embalagens muito chamativas para atrair os consumidores. Essa mudança no hábito alimentar tem atingido todas as camadas da população, tanto as que vivem nas cidades, como as que moram nas zonas rurais, as da classe a, b, c e d. Como são produtos que tem uma distribuição muito fácil e também são de fácil conservação, de durabilidade maior e de fácil manipulação, vem substituindo o produto in natura.

A circulação desses novos alimentos é intensa e sua distribuição se faz com muita facilidade, podendo estar à mesa de diferentes pessoas e famílias em todo o território

nacional, o que dá ao consumidor a ilusão de que com mais fartura e variedade no campo alimentar ele estará mais bem nutrido e/ ou alimentado. Significativa parcela da população mundial está de fato comendo mais, mas qualitativamente pior e está sofrendo de outro tipo de fome: a fome da abundância.

Esse é o retrato da modernidade da fome, que está a merecer dos cientistas sociais um estudo profundo, há neste cenário um paradoxo perverso, pois apesar de haver no mercado disponibilidade de alimentos de boa qualidade, alimentos de verdade, para todos que tem um mínimo de poder aquisitivo, os viciados em comidas prontas e semiprontas, os que vivem de fast food e os que impõem a si mesmos regimes de fome, buscando atender os ditames da modernidade em relação ao corpo: magro como sinônimo de saudável, esses alimentos não fazem parte de sua dieta e não raro essas pessoas encontram-se com a saúde ameaçada por falta de nutrientes adequados e excesso de produtos químicos que são adicionados as comidas prontas ou semiprontas¹. E o pior é que como esse tipo de alimento (se é que este termo é adequado), é mais barato, ele é bem acessível as camadas mais pobres da população que podem adquiri-los e se viciam neste falso alimento.

Nestes casos, a fome não decorre de falta de condições materiais para se alimentar adequadamente, da escassez de alimentos, da pobreza, mas da resposta aos apelos feitos pela mídia, movida pela lógica expansionista da indústria alimentar que fomenta os alimentos light e diet como sinônimos de alimento saudável. Bem como incentiva o consumo dos ultra processados por sua praticidade e preço mais acessível. Essa questão coloca em pauta a discussão acerca das contradições da moderna indústria alimentar, em especial dos produtos apresentados como de baixa caloria. As pessoas parecem responder como que encantadas frente a propaganda em torno deste tipo de alimento e estão cada vez mais obesas e mal nutridas.

Esta nova alimentação provoca a obesidade e todas as suas consequências para a saúde (CAMPILLO ÁLVAREZ, 2011) e, ao mesmo tempo, pode levar à subnutrição e todas as suas mazelas, inclusive a morte. Enquanto um grupo apresenta figuras esqueléticas, sem carne e músculos, já com a sombra da morte emoldurando os rostos e denuncia a nossa tolerância para com o intolerável, o outro grupo está obeso, disforme, doente e também com a morte a rondar-lhes de perto. Realmente duas fomes e dois desafios. Dois problemas de políticas públicas e de saúde, dois desafios para os programas de segurança alimentar.

SEGURANÇA ALIMENTAR E INTERESSES DO MERCADO

A relação ciência, tecnologia e mercado é a base do desenvolvimento e do chamado progresso nas sociedades regidas pela lógica do capital. Globalização significa exatamente isso, os mercados não tem fronteiras e a distribuição dos produtos é feita conforme o poder

¹ Estes alimentos ricos em produtos químicos que artificializam e alteram o gosto dos alimentos, não raro sua consistência e odor, tem alterado o paladar das pessoas, em especial crianças e jovens que passam a recusar a comida de fato. Um biscoito industrializado é muito diferente em cor, sabor e cheiro do que os biscoitos caseiros, por exemplo.

de compra dos consumidores. Produz-se para o mercado e não para segurança alimentar. Os interesses das empresas são voltados para o lucro e não para causas sociais. Por isso, apesar de termos uma tecnologia no campo alimentar capaz de fornecer comida a todos e condições de distribuição e circulação desse produtos em todo mundo, a fome ainda ronda o planeta, em que pesem denúncias, campanhas, programas desenvolvidos por agências governamentais e da sociedade civil.

Vejam os como exemplo o caso dos transgênicos, que não tem no Brasil, praticamente nenhuma barreira proibitiva, por isso somos o segundo produtor mundial de grãos transgênicos e a legislação em relação a estes produtos tende a se flexibilizar cada vez mais. As principais empresas produtoras de grãos transgênicos chegam a investir próximo de US\$ 3 milhões por dia em pesquisas em busca da semente “bala de prata”, a quase perfeita.²

O depoimento do diretor do departamento de pesquisa química biológica da Syngenta em Jealott's Hill, no Reino Unido, é um exemplo da racionalidade que envolve este tipo de produção. Mark Spinney, diretor da empresa, uma multinacional, é bem claro a este respeito quando alerta: “o que estamos pesquisando agora vai chegar ao mercado em cerca de dez anos. Então nós precisamos prever o que os produtores vão precisar em uma década”. Ainda segundo a matéria citada, um dos maiores investimentos do setor está no desenvolvimento de plantas capazes de driblar o clima. Nas bancadas das empresas, as pesquisas já apontam para a produção de sementes resistentes à seca, ao excesso de água, de frio ou de calor. O que as empresas buscam, complementa Mozart Fogaça, diretor de sementes da Dow AgroSciences, são sementes com melhor absorção de água e de nutrientes presentes no solo. “É preciso produzir mais com menos recursos, água e terra. Para isso, é essencial ofertar uma semente de qualidade”.

Mas, não apenas a qualidade deve fazer parte desta “semente de prata”, o rendimento é igualmente importante. Tanto que, em algumas regiões, a semente já não é vendida por sacas, como o habitual, mas pelo potencial de germinação, segundo Geraldo Berger, da Monsanto, líder mundial em biotecnologia. No Brasil, no estado da Bahia, por exemplo, produtores de sementes já garantem até 99% de germinação, bem acima dos 80% exigidos pelo Ministério da Agricultura. Outro caminho no melhoramento genético está na busca não apenas de maior quantidade produzida, mas também da qualidade do produto. Em pouco tempo, o óleo de soja se aproximará do de oliva, dizem os pesquisadores.

A semente é a base para o sucesso do agronegócio. O desenvolvimento do setor depende dela”, diz José Renato Bouças Farias, da Embrapa, na referida matéria. A relevância do segmento é tão grande que desperta o interesse até de quem ainda não está nesse mercado, como a Basf. “É um caminho sem volta”, diz Fernando Arantes Pereira, gerente da área de tratamento de sementes da empresa. Nos depoimentos não há

² <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/10/1692706-empresas-desenvolvem-plantas-fortes-e-que-produzem-mais-com-menos.shtml?cmpid=newsfolha>. Acesso em 11/10/2018

preocupação com a fome, mas com o mercado, com os ganhos.

NANOTECNOLOGIA E SEGURANÇA ALIMENTAR

Você sabe o que está comendo? Tenho feito sempre esta pergunta provocativa em minhas exposições quando o tema se refere às nanotecnologias aplicadas aos alimentos, mas nunca deixo de colocar no debate também indagações sobre os produtos oriundos da transgenia, isto porque o princípio da incerteza que caracteriza a modernidade, paira sobre os avanços no campo da tecnociência, como bem coloca Santos Junior (2013, p. 15) ao alertar que “o avançar da ciência expõe a sociedade a novas incertezas, fruto dessa busca pelo “admirável mundo novo”. Essa incerteza está presente quanto a aplicação da nanotecnologia na produção de alimentos. Por isso a pergunta acima é pertinente e deveria ser feita às pessoas quando estas estivessem diante de um prato de comida, ou comprando alimentos nas lojas, mercados, supermercados, feiras livres. Que garantia temos que estes produtos estão isentos de perigo para nossa saúde? Sabemos a procedência dos mesmos? Como identifica-los? A rotulagem basta? Como foram produzidos? Nesta esteira se coloca também o custo ambiental e humano do produto.

Devemos nos preocupar não apenas com a quantidade de alimentos disponíveis às populações, mas principalmente para a qualidade dos mesmos em termos de nutrientes, de variedade ofertada, procedência e a acessibilidade em termos de preços. Ou seja, podemos ter em oferta muitos alimentos, mas os mesmos podem ser muito pobres de nutrientes e até nocivos à saúde, como é o caso de muitos produtos alimentícios industrializados, principalmente os ultra processados, que são mais baratos que alimentos in natura, mas que prejudicam a saúde e levam as pessoas a um estado de subnutrição, embora possam se sentir saciadas em sua fome e até ganharem peso. É o que denomino de Modernidade da Fome.

As maiores empresas que controlam o mercado de alimento no mundo, são também as maiores produtoras de grãos e produtos oriundos da manipulação genética, a saber: Monsanto, Syngenta, Cargill, Bayer, BASF e Dupont. É preciso considerar também na relação do mercado com a produção de alimentos e os interesses das indústrias alimentícias, a questão dos recursos ambientais, pois como alerta a economista Amyra El Khalili (In SILVA, T.E & WAISSMAN, W. 2014, p.28), especialista nos estudos de commodities ambientais:

Quando exportamos soja, vendemos também solo, água, energia, biodiversidade, sangue e suor dos que produzem e sofrem com o sol inclemente na imensidão das lavouras. O estudo da ONG WWF (World Wildlife) mostra o Brasil como líder ranking dos países importadores de “água virtual” agrícola: exporta 91 bilhões de metros cúbicos por ano, mas importa 199 bilhões. Por outro lado, a WWF afirma que o Brasil gasta 5,7 bilhões de metros cúbicos anuais de água na produção de mercadorias que serão consumidas na Alemanha, principalmente café, soja e carne. Esse requisito não é considerado como dado formal no processo produtivo padronizado

para a compra e venda de commodity, exemplificando, cada tonelada de soja vendida implica o uso de 2 mil toneladas de água.

É preciso ter em conta que há muito dinheiro investido neste tipo de alimentação, tanto nas pesquisas com transgênicos como nas nanotecnologias, são bilhões de dólares que se digladiam no mercado de alimentos, movimentando e enriquecendo poderosos conglomerados econômicos transnacionais. A alimentação moderna parece estar assentada nos interesses destes conglomerados e não na luta contra a fome, na alimentação saudável ao contrário do que se tem propagandeado.

Um intenso debate tem sido travado entre cientistas, pesquisadores e ambientalistas de várias partes do mundo sobre os benefícios e os potenciais riscos que o uso de alimentos transgênicos e/ou à base de nanotecnologias podem acarretar tanto para a saúde humana como para o meio ambiente. Esses alimentos tem sido defendidos como solução para o problema da escassez de alimentos no mundo, destacando sua alta produtividade e rentabilidade, resistência a pragas, além das “facilidades” da sua produção e seu potencial nutritivo maior que o alimento tradicional. Os alimentos resultantes tanto das modificações genéticas, como os resultantes do emprego de nanotecnologias são tidos como o alimento do futuro, “do homem moderno”. Será verdade? Não é o que deduzimos dos quadros de fome e das estatísticas sobre o crescimento da obesidade no mundo, em especial em países desenvolvidos e o campeão parece ser os EUA.

Será que um rótulo indicando se um produto é transgênico ou não, ou se contém elementos nano em sua composição resolveria o problema? Claro, que em termos de informação ao consumidor para que este possa saber o que está comprando e tenha o direito de decidir se quer adquirir aquele produto é o mínimo que se espera, pois cumpre o direito à informação que todo cidadão tem, mas será que as pessoas sabem realmente o que é o processo de transgenia? O que é um nano alimento? O que é nanotecnologia? Como ler as letras minúsculas dos rótulos e decifrar os termos técnicos herméticos a nós simples cidadãos? O público em geral, que compra e consome os produtos não é especialista e portanto as indicações dos componentes são por vezes inócuas. Os rótulos não estão preocupados com o cidadão comum, que compõem a maioria do público consumidor, os rótulos parecem feitos de propósito para desanimar a leitura, não são educativos. Muitos especialistas tem levantado um interessante e produtivo debate sobre este ponto.

A incerteza sobre os efeitos das nanotecnologias tem gerado uma série de relatórios, projetos de leis, recomendações pelo mundo. Alguns países apresentam uma resistência maior à comercialização dos nanoprodutos, enquanto outros estão empolgados com os benefícios e a possibilidade de desenvolvimento que a nanotecnologia pode proporcionar. Na Europa, por exemplo, é difícil encontrar textos favoráveis às nanotecnologias fora das esferas científicas, enquanto que, nos Estados Unidos, a população está mais interessada nos avanços técnicos e científicos. Na Ásia, o desenvolvimento das nanotecnologias traz esperança de desenvolvimento econômico (JOACHIM E PLÉVERT, 2009, p. 132). Como

esta questão vem sendo discutida nos debates na América Latina?

SEGURANÇA ALIMENTAR, FOME E MODERNIDADE

No artigo “A situação de Fome no Mundo, publicado em 29/07/2016 e assinado por Rodolfo Almeida e Beatriz Demasi³, cerca de 794,6 milhões de pessoas ainda se encontravam em estado de subnutrição até aquela data e o Haiti liderava o ranking, com mais da metade de sua população nessa condição. O artigo destaca os 15 principais países marcados pela fome, ou pode-se dizer, pela insegurança alimentar. Afirmam os articulistas:

Nos últimos 25 anos, 216 milhões de pessoas deixaram a subnutrição em todo o planeta. O cenário atual é resultado de esforços globais no sentido de melhorar a distribuição de alimentos, sobretudo nos países da África e da Ásia, principais regiões atingidas pelo problema. Em 1991, mais de 1 bilhão de pessoas estavam subnutridas, o que representava 18,6% da população à época. Hoje, 794,6 milhões de pessoas ainda estão nessa condição, ou 10,8% da população mundial atual.

Na definição estabelecida na II Conferência Nacional de Segurança Alimentar, realizada em 2004, na cidade de Olinda/PE:

Segurança alimentar e nutricional é a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis (NASCIMENTO, 2012, p. 621).

Contudo, os dados de 2015-2016 sobre a segurança alimentar no mundo nos colocam estado de alerta: cerca de 794,6 milhões de pessoas ainda se encontravam em estado de subnutrição e o Haiti liderava o ranking, com mais da metade de sua população nessa condição. Por ordem de **insegurança alimentar**, marcados pela **fome/subnutrição**: Haiti, Zâmbia, República da África Central, Namíbia, Coreia do Norte, Chade, Zimbábue, Madagascar, Tanzânia, Etiópia, Libéria, Congo, Iêmen, Uganda e Moçambique.

Mas este quadro pode ser mais grave, pois a FAO não fornece os valores exatos de porcentagem para países com menos de 5% da população subnutrida. Os dados para cada ano são calculados a partir de uma média de três anos (incluindo o ano anterior e o ano seguinte). Isso é feito para reduzir os efeitos de secas e crises sazonais no resultado final da população subnutrida. Os valores para o ano de 2015 incluíam uma projeção para o ano de 2016. (Fonte: The State of Food Insecurity in the World, 2015 e Food security indicators - FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations).

Em 1991, mais de 1 bilhão de pessoas estavam subnutridas, o que representava 18,6% da população à época. Hoje, 794,6 milhões de pessoas ainda estão nessa condição, ou 10,8% da população mundial atual. (Fonte: www.nexojournal.com.br/grafico/2016/07/29/

[3 /www.nexojournal.com.br/grafico/2016/07/29/A-situacao-da-fome-no-mundo- hoje](http://3/www.nexojournal.com.br/grafico/2016/07/29/A-situacao-da-fome-no-mundo- hoje)

A-situação-da-fome-no-mundo-hoje) De acordo com a FAO, em 2017 cerca de 124 milhões de pessoas sofreram insegurança alimentar, e 34 países, dos 51 afetados, tiveram como causa principal dessa catástrofe os choques climáticos. (Revistaforum.com.br 19/11/2018). Esta é uma outra questão que têm entrado nos estudos, as mudanças climáticas no planeta e que tem afetado diretamente as populações mais pobres, em especial as que vivem nas zonas rurais.

Embora os dados divulgados pela FAO sobre a fome no mundo pareçam apontar uma queda no índice de países famélicos, sabemos que nos países mais pobres este índice ainda é muito alto e muito preocupante. Diante de uma tendência cada vez maior dos países em aderir ao modelo econômico neoliberal, é caso do Brasil recentemente, podemos prever que este índice poderá voltar a crescer. O paradoxo é que a fome convive com as ilhas de abundância da produção de grãos transgênicos, das “fábricas” de grãos, e dos nanofoods, pois cada vez mais os pequenos agricultores se veem expulsos de suas terras pelo avanço das empresas que investem nos transgênicos nas monoculturas de soja, milho, feijão, entre outras. Ou seja, tanto investimento em ciência e tecnologia para produzir mais alimentos e nenhuma segurança alimentar para as populações mais necessitadas que não podem desfrutar desses benefícios, que não são produzidos para atender essa demanda e sim para serem transformados em commodities e gerarem lucros às empresas detentoras do Know How das sementes, plantas etc.

Como adverte Z. Bauman (2010), estamos cada vez mais dependentes da tecnologia, talvez não consigamos mesmo conceber nossa vida sem os avanços nesse campo e parece que não estamos contabilizando o custo ambiental resultante das mudanças geradas pelos avanços e mudanças tecnológicas, o importante dentro dessa lógica é que cada vez mais elas solucionem nossos problemas e facilitem nossa vida cotidiana. Não perguntamos se há alimentos para todos no mundo, nem qual o custo social e ambiental destas inovações e conquistas tecnológicas, quem está arcando com o ônus das conquistas no campo alimentar, bem como os riscos destes alimentos. Vivemos em bolhas de abundância cercados por um grande mar de miséria. A fome parece continuar a ser um tema tabu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade se nos trouxe de um lado avanços inimagináveis em termos de novas tecnologias, de outra concepção de vida social, de sujeito, não o fez sem a contrapartida de pesados ônus, como afirma A. Touraine (2011, 104) é impossível separar as conquistas da modernidade dos perigos que ela traz em seu bojo, e contra os quais ela própria deve se precaver. “A modernidade destrói comunidades, a ordem estabelecida e sua estabilidade defensiva”.

Os avanços no campo da produção de alimentos e de toda uma tecnologia sofisticada empregada para o aprimoramento da produção alimentar, são produtos da modernidade,

que é essencialmente técnica como afirma F. J. Brusek (2010), portanto nossa vida está presa a essa contingência: o mundo tecnológico. O problema é que não podemos nos iludir com as promessas de que através dos avanços tecnológicos no campo da alimentação o problema da fome poderia ser resolvido no mundo, pois há outras questões envolvidas. É preciso não se esquecer que esta é uma questão política e econômica muito complexa de ser resolvida, não porque não tenhamos a capacidade de alimentar a todos condignamente sem destruir os recursos naturais, mas porque, como alertava Josué de Castro a mais de quarenta anos, esta produção é controlada pelo imperialismo econômico e o comércio internacional controlados por minorias cegas pela ambição do momento, que teriam grande interesse que a produção, a distribuição e o consumo dos produtos alimentícios continuassem desenvolvendo-se indefinidamente como puros fenômenos econômicos, dirigidos no sentido de seus interesses financeiros exclusivos, e não como fenômenos do maior interesse social, destinados a proporcionar o bem estar a toda coletividade.

Como afirmamos no início do artigo há duas fomes igualmente nefastas a desafiar os programas de segurança alimentar: a dos que não tem o que comer e a dos que estão morrendo de tanto comer. A fome dos obesos e mal nutridos é tão preocupante como a dos que nada tem para comer, de modo que tem sido tratada como uma epidemia. Mas, como destacamos, estamos presos aos grilhões dos interesses de oito ou dez oligopólios da indústria alimentar que comandam o que se produz, como se produz, para quem se produz, o preço dos alimentos e aonde deve ser distribuído o alimento. E, assim, definem quem deve comer e o quê e quem deve morrer de fome. É preciso romper este círculo de ferro do monopólio do alimento e os poderosos lobbys nas diferentes esferas de poder dos países que tem garantido a manutenção dos interesses dos grandes produtores e os do grande capital representado por esses complexos alimentares.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Leticia Marques de. Et al. Características de nanopartículas e potenciais aplicações em alimentos. (2012) Brazilian Journal of Food Technology, Campinas, V.15, N.02, p. 99-109.

BAUMAN, Z. & MAY, Tim. Aprendendo a Pensar com a Sociologia. (2010) Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar.

BEHAR, Andrew; FUGERE, Danielle; PASSOFF, Michael. Slipping through the cracks: An Issue Briefs. Disponível em http://www.asyouow.org/health_safety/nanoissuebrief.shtml. Acesso em 26 jun. 2019.

Bruseke, Franz Josef. A Modernidade Técnica. Contingência, irracionalidade e possibilidade (2010). Florianópolis, Editora Insular.

BUZBY, Jean C. Nanotechnology for food applications: more questions than answers. (2010) IN: The Journal of Consumers Affairs. Vol. 44, N. 3, p. 528-545.

CAMPILLO ÁLVAREZ, José Henrique. El Mono Obeso. (2011) Barcelona-Espanha, Ed. Crítica.

CASTRO, Josué de. Geopolítica da Fome. (1953). 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.

_____. Geografia da Fome (O dilema Brasileiro: Pão ou Aço). (1982) 10ª Ed. Rio de Janeiro: Antares: Achiamé (Clássicos das Ciências Sociais no Brasil)

NANO Magazine. Nanotecnologia para a Indústria Alimentícia. Disponível em: http://www.nanomagazine.co.uk/index.php?option=com_content&view=article&id=56:nanotechnology-for-the-food-industry&catid=37:issue-13&Itemid=151 - 27.04.11. Acessado em 26/06/2019

SILVA, Tania Elias M. e WAISSMANN, Wiliam. Nanotecnologias. Alimentação e Biocombustíveis. Um olhar Transdisciplinar. (2014) Aracaju: Criação, 2014.

THOMAS, Hérmán e BUCH, Alfonso. (Coord.) Actos, actores y artefactos. Sociología de la tecnología. (2013) Bernal: Universidad Nacional de Quilmes Editorial.

TOURAINÉ, A. Um Novo Paradigma. Para compreender o mundo de hoje. (2011) 4ª. Ed. Tradução Gentil Avelino Titton. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes.

http://www.nanomagazine.co.uk/index.php?option=com_content&view=article&id=56:nanotechnology-for-the-food-industry&catid=37:issue-13&Itemid=151 - 27.04.11. Acessado em 26/06/2019

Small Times. ALIMENTOS: Nano comestível é a nova fronteira. Disponível em: http://www.smalltimes.com/document_display.cfm?document_id=3989 – 15.06.11. Acessado em 26/06/2019.

SOBRE A ORGANIZADORA

MARIA IZABEL MACHADO - Possui graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (2009). Em 2012 defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia (UFPR) na linha de pesquisa “Cultura e Sociabilidades” no eixo temático Violência, Segurança Pública e Direitos Humanos. Em 2017 defendeu sua tese de doutorado (UFPR) também na linha de pesquisa Cultura e Sociabilidades, desta vez no eixo temático Gênero e Trabalho. Como pesquisadora se dedicou durante sua formação acadêmica aos temas economia solidária, gênero, trabalho e cuidado. Atualmente as pesquisas em curso se inscrevem na perspectiva pós-estruturalista e de gênero acerca da cartografia dos sujeitos no ensino superior, especialmente na formação em pedagogia. Como educadora atuou na formação de lideranças populares por meio de ONGs e outras instituições, e com formação de professores em projetos de cultura de paz nas escolas. Atuando na docência nas redes públicas e privada desenvolveu trabalhos acerca da inclusão e segregação no ambiente escolar e com uso de literatura em sala de aula para ensino-aprendizagem de sociologia, na educação básica, especialmente no ensino médio. Atua como docente na Universidade Federal de Goiás (Faculdade de Educação), participando como pesquisadora do grupo Mutamba (UFG) e do Núcleo de Estudos de Gênero (UFPR).

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bolsa Família 7, 8, 11, 13, 14

C

Cibercultura 87, 90

Consumo 61, 62, 73

D

Descartáveis 61

Desenvolvimento 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 44, 46, 52, 53, 55, 58, 63, 69, 72, 75, 78, 80, 82, 85, 96, 97, 99

Direitos humanos 42, 104

Direito social 7, 10

E

Etnodesenvolvimento 1, 4, 6

F

Fatos sociais 75, 77, 78, 83, 86

G

Gestão de resíduos 62, 63, 69, 70, 71

I

Identidade 1, 3, 6, 26, 27, 30, 32, 34, 36, 38, 42, 53, 66

Inclusão social 7, 11, 12, 13, 14, 36

Indígenas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 55, 56

Infância 53

Internet 22, 30, 32, 33, 35, 87, 88, 90

M

Mídias digitais 26, 33, 36

Migrações 29

Mineração 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60

Mobilidade 14, 35, 77, 92

Modernidade 9, 26, 42, 69, 92, 93, 96, 98, 100, 101, 102

Movimentos sociais 42, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 53, 74

O

Obsolescência programada 65

P

Pataxó 1, 2, 3, 5, 6, 56

Pertença 26, 27, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41

Política nacional de resíduos 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 73

Políticas sociais 9, 10, 15, 16

S

Sociologia 44, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 92, 102, 103, 104

Sociologia ambiental 44

Sociologia da educação 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86

Sociologia dos desastres 44

T

Trabalho 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 37, 38, 40, 42, 46, 61, 63, 64, 72, 73, 89, 92, 104

Tradição 9, 26, 38

W

Whindersson 87, 89, 90

X

Xenofobia 18, 22

Y

Youtube 59, 87, 90

SOCIOLOGIA:

Tempo, indivíduo e sociedade 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

SOCIOLOGIA:

Tempo, indivíduo e sociedade 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

